

Novos rumos

África: UM CAMINHO POSSÍVEL

» PALOMA OLIVETO

Dos 18 cardeais africanos eleitores que participarão do conclave, a partir de 7 de maio, dois estão nas listas dos mais cotados para ocupar o trono deixado vago por Francisco. Caso um deles seja eleito, será o primeiro papa vindo da África desde 496 d.C., quando Gelásio I, originário do norte do continente, comandou o Vaticano. O momento é favorável ao congolês Fridolin Ambongo, 65 anos, ou ao ganês Peter Turkson, 76, acreditam especialistas.

Diferentemente da Europa, que registra queda no número de católicos, na África, a religião floresce como nunca. Se, em 1910, havia menos de 1 milhão de fiéis em todo o continente, em 2022, esse contingente era de 272,4 milhões, ou quase 20% do total de seguidores da religião, de acordo com o Vaticano.

A América ainda lidera em quantidade de fiéis, com 64% dos praticantes do catolicismo. Porém, enquanto a evolução no número de católicos foi de 0,02% entre 2021 e 2022, na África, houve um crescimento significativo no período: 0,32%. Segundo o banco de dados global World Christian Database, em 2050, a participação global do continente na religião será 32%.

Não é apenas o número de fiéis que cresce, mas a participação africana no Vaticano. Hoje, há 29 cardeais do continente, sendo que 11 não votam por terem mais de 80 anos. Vinte do total foram escolhidos pelo papa Francisco. No conclave de 2013, 11 religiosos do continente estavam aptos a eleger o pontífice, contra os 18 atuais — proporcionalmente, representavam 9,6% e 13,53% dos eleitores, respectivamente. No ano da eleição de Jorge Mario Bergoglio, havia 115 votantes. Hoje, são 135 cardeais eleitores, mas dois não participarão do conclave por motivo de saúde.

Doutrina

“Se o próximo papa vier da África ou tiver uma forte ligação com o continente africano, é possível que vejamos uma ênfase maior na ortodoxia doutrinal, combinada com forte engajamento social em educação, saúde e direitos humanos básicos. Reformas estruturais e administrativas podem continuar”, aposta Vicente Paulo Alves, doutor em Ciências da Religião e professor

do curso de Teologia da Universidade Católica de Brasília (UCB). Alves ressalta que o continente cresce não apenas em número de fiéis, mas em “vocações sacerdotais e dinamismo social”.

O especialista destaca que, em termos de moral sexual, papel da mulher na Igreja e relações inter-religiosas, muitos bispos africanos alinham-se com visões mais tradicionais. Um exemplo foi a reação à declaração Fiducia Supplicans, publicada em dezembro de 2023 pelo Dicasterio para a Doutrina da Fé, sem consulta à Igreja da África. O texto estabeleceu um novo entendimento sobre o significado pastoral das bênçãos, permitindo aos padres, pela primeira vez, abençoar casais divorciados que se casaram novamente no civil e pessoas do mesmo sexo.

O episcopado africano reagiu de imediato. Uma das vozes contrárias mais retumbantes foi a do papabile Fridolin Ambongo, que se tornou cardeal em 2019. Arcebispo de Kinshasa, na República Democrática do Congo, e presidente do Sínodo das Conferências Episcopais da África e de Madagascar (Secam), Ambongo escreveu a Francisco, de quem, inclusive, era consultor. Afirmou que a comunidade religiosa africana recebeu a Fiducia Supplicans com indignação.

"Escândalos"

O arcebispo voou para o Vaticano logo em seguida e se encontrou com o pontífice. Em 11 de janeiro, a Secam publicou uma declaração de cinco páginas. “As conferências episcopais de toda a África, que reafirmaram fortemente sua comunhão com o papa Francisco, acreditam que as bênçãos extra-litúrgicas propostas na declaração Fiducia Supplicans não podem ser realizadas na África sem expor a escândalos.”

Primeiro cardeal de Gana e escolhido por João Paulo II, o também papável Peter Turkson é considerado conservador, mas defendeu a bênção aos casais de mesmo sexo, embora tenha afirmado, à BBC, que uniões homoafetivas são “pecaminosas”. Turkson chegou a ser criticado por membros igreja em seu país ao dizer que “é hora de compreender a homossexualidade” e por considerar que as leis penais ganesas são excessivas ao punir pessoas LGBTQIAPN+, que, na opinião dele, não deveriam ser criminalizadas.

uma consideração válida. No entanto, talvez mais importante do que a representação — que pode ser performativa e superficial versus sistêmica — é que o crescimento estatístico do catolicismo em contextos africanos indica que a Igreja deve considerar as experiências vividas pelos africanos como potencialmente instrutivas e diretrizes para o ministério pastoral, os futuros teológicos e a liderança moral global da Igreja. Em outras palavras, a eleição do próximo papa deve levar em consideração não suas origens geográficas, mas suas

CONTINENTE QUE MAIS REGISTRA AUMENTO NO NÚMERO DE CATÓLICOS PODERÁ ELEGER O **PRIMEIRO PONTÍFICE** DESDE O SÉCULO 5 D.C. **FRIDOLIN AMBONGO**, DO CONGO, E **PETER TURKSON**, DE GANA, ESTÃO NA LISTA DOS CARDEAIS PAPÁBIL

Papáveis AFRICANOS

AFP



Mediador da paz

Peter Turkson, 76 anos, nasceu em uma família humilde de 10 crianças e foi o primeiro clérigo de Gana a virar cardeal, em 2003. Em 2008, atuou como mediador em um conselho de paz, após eleições que ameaçavam desencadear um cenário de violência. Ele também desempenhou funções de alto escalão na burocracia do Vaticano. Recentemente, mostrou um tom mais moderado na questão dos direitos LGBTQIAPN+, criticando os políticos ganeses que afirmaram que as relações entre pessoas do mesmo sexo não eram nativas da África.

Conselheiro de Francisco

Fridolin Ambongo, 65 anos, nasceu na República Democrática do Congo. Ele liderou a campanha contra a bênção aos casais do mesmo sexo na África depois que Francisco exortou a Igreja a avançar no tema. Ambongo foi assessor e conselheiro de Francisco e está trabalhando para examinar como a Igreja deve administrar os convertidos que procedem de casamentos polígamos, um dos desafios da Igreja Católica Africana.



Professora assistente de religião da Universidade James Madison, nos Estados Unidos, e pesquisadora do Catolicismo na África, Jennifer Aycock alerta que a polarização entre conservadores e progressistas é relativa quando se considera o contexto religioso africano. “Não devemos negligenciar nem subestimar a liderança das religiões africanas, bem como das leigas

católicas, na descrição da Igreja Católica Africana”, exemplifica. “As mulheres moldam ativamente o que é o catolicismo africano por meio de suas práticas espirituais, ativismo social, defesa da saúde pública e influência sobre a posição e o tratamento das mulheres dentro e fora da Igreja.”

Segundo a especialista, ao se discutir os novos rumos da Igreja

Católica, “caracterizar o catolicismo africano como polarizado e conservador nos impede de reconhecer sua diversidade, bem como a liderança social e moral que as mulheres católicas africanas exercem e exercerão em questões que ameacem o bem comum global” (leia entrevista nesta página).

Rodolfo Tamanha, professor da Faculdade Presbiteriana Mackenzie

Brasília (FMPB), acredita que a eleição de um papa africano seria positiva. “Representaria uma parcela grande do catolicismo e da população mundial e que, tradicionalmente, é tão alijada da participação mundial em tantas questões. Há séculos não é eleito um papa vindo da África. Então, acredito que, no século 21, seria paradigmático um papa africano.”

Três PERGUNTAS PARA...

JENNIFER AYCOCK, professora assistente em religião na Universidade James Madison

A África é o único continente onde o número de católicos no mundo está aumentando. Seria esta uma oportunidade para a eleição do primeiro papa africano em séculos?

Creio que essa questão pressupõe que o crescimento estatístico equivale a uma maior colocação e visibilidade de africanos em posições de liderança no Vaticano, mesmo no papado. Essa é, em parte,

prioridades teológicas e pastorais, e até mesmo sua capacidade e desejo de continuar e aprofundar as ênfases do papa Francisco, que incluíam atenção significativa às comunidades marginalizadas, pobres e desfavorecidas.

Igreja Católica Africana é polarizada ou tem uma tendência mais conservadora?

Observando que as perspectivas dos contextos africanos são bastante diversas, a forma como enquadrados o que é conservador e polarizado é condicionada culturalmente. de primeiro-ministro, secretário-geral e chanceler do Vaticano, comunicar oficialmente a Becciu que ele não participaria do conclave. Parolin mostrou-lhe dois documentos — com datas de 2023 e 2024 —, assinados pelo papa Francisco, sobre o veto ao nome do italiano. No passado, Becciu chegou a ser considerado um dos favoritos para assumir a liderança

Certamente, há questões no continente africano que poderiam ser interpretadas pelas vozes católicas africanas como “conservadoras”, como questões relacionadas à sexualidade humana. Em contraste, e significativamente, os católicos africanos lideram conversas progressivamente sobre questões como mudanças climáticas, migração, construção da paz e pluralismo religioso.



Quais questões um potencial papa africano deve priorizar?

Vamos expandir essa questão para considerar qualquer papa em potencial que seja eleito para liderar e servir uma comunhão religiosa global, na qual os católicos africanos são cada vez mais numerosos e significativos, pelo menos estatisticamente. Ao ouvir relatos de católicos africanos especificamente nas regiões

sul e oeste, o que ouço consistentemente é que a seleção do próximo papa deve ser para toda a Igreja, da qual os africanos constituem uma maioria crescente, e o próximo papa — seja africano ou não — deve estar preparado para liderar teológica, pastoral e moralmente com sensibilidades e compromissos inter-religiosos; atenção aos desequilíbrios globais de poder; e com atenção às comunidades mais marginais em relação a toda a igreja global, incluindo migrantes, mulheres e comunidades LGBTQIAPN+. (PO)

“DECIDI *obedecer*”, DIZ CARDEAL CONDENADO

Condenado por desvio financeiro e demitido do alto escalão do Vaticano pelo papa Francisco em 2020, o cardeal italiano Giovanni Angelo Becciu, de 76 anos, avisou ontem que vai “obedecer” à decisão da Igreja de vetá-lo do conclave. Até então, apesar de excluído da lista oficial de eleitores, ele insistia em participar das reuniões preparatórias que antecederam o início dos debates e das votações. Mas resolveu

ceder à pressão e disse que obedeceria a Igreja.

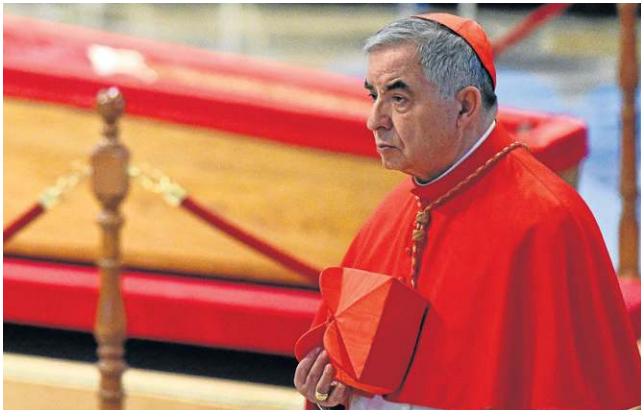
“Tendo no coração o bem da Igreja, à qual servi e continuarei servindo com fidelidade e amor, assim como para contribuir com a comunhão e a serenidade do conclave, decidi obedecer como sempre fiz”, afirmou Becciu em comunicado enviado à AFP por seu advogado.

Coube ao cardeal Pietro Parolin, que acumula as funções

de primeiro-ministro, secretário-geral e chanceler do Vaticano, comunicar oficialmente a Becciu que ele não participaria do conclave. Parolin mostrou-lhe dois documentos — com datas de 2023 e 2024 —, assinados pelo papa Francisco, sobre o veto ao nome do italiano.

No passado, Becciu chegou a ser considerado um dos favoritos para assumir a liderança

AFP



da Igreja Católica, mas uma investigação revelou sua participação em um grande esquema crimes fiscais. Ele foi

condenado a cinco anos e meio de prisão por fraude em operações financeiras da Santa Sé. O afastamento do italiano do

Mesmo excluído da lista de eleitores, Giovanni Angelo Becciu insistiu em participar do conclave

Vaticano fez parte de uma série de ações do pontífice argentino para promover reformas e moralizar as finanças do Vaticano.

Becciu é o principal dirigente da Igreja Católica a enfrentar o Tribunal Penal do Vaticano, a justiça civil da cidade-Estado. O cardeal, nomeação concedida pelo papa pelos bons serviços e conduta na Igreja, mantém o título, mas foi aliado ao ostracismo clerical. Ele nega as acusações e diz ser inocente.